Uma questão de tamanho



José Vítor Henriques

ETIRO aquilo que disse sobre o frete de andar a cobrir «shows» por essa Europa fora. O nosso AudioShow, agora devidamente inserido no contexto da União Europeia, não foi um frete, foi um prazer. Não tanto pelos equipamentos expostos e em demonstração - para esses tenho o resto do ano - mas pelas pessoas presentes.

O «Chô» é a grande oportunidade de me encontrar com os que estão do outro lado da página - os leitores. E é para eles, e por eles, que escrevo - os equipamentos são um mero pretexto. Do que eu gosto realmente é do efeito da minha escrita sobre quem a lê. A política da Audio de não responder a cartas pessoais dos leitores, por razões de tempo e espaço, deixaos muitas vezes com uma pergunta engasgada - a tal, «que andava há muito tempo para lhe fazer». O AudioShow é assim também tempo e espaço de diálogo.

Fui abordado, assediado, saudado, elogiado ou ostensivamente ignorado e também criticado - os críticos não são isentos de críticas - nos apertados corredores do Hotel Alfa. Fiquei feliz por saber que continuo a despertar paixões - paixões audiófilas, entenda-se - nem sempre de sinal positivo. Há, de acordo com depoimentos (confissões?) que me fizeram pessoalmente, quem me leia «apenas para adormecer». Um elogio? Quem ache que os testes (os meus incluidos) são uma treta publicitária e compre a Audio «apenas porque gosta de ler esta página para desopilar». Que elogio! Ou quem tenha problemas com a mulher porque colecciona os meus artigos do Diário de Notícias/Compacto e os jornais velhos, ao contrário das revistas, cheiram mal. Elogio?! Há também quem diga bem por interesse e quem diga mal por despeito. A todos agradeço o interesse e a coragem de dizerem o que pensam. Dão-me força para continuar nesta cruzada sem fim por algo que provavelmente só existe na nossa imaginação: o som perfeito. Uma quimera?

Antes despertar ódios e paixões desencontradas que indiferença.

Das dezenas de «consultas» e conversas informais, ressalta no entanto um «momento único» que pela comicidade da situação merece bem a honra de figurar no anedotário audiófilo nacional. É assim com um sorriso nos lábios que vamos entrar no Ano Novo Audiófilo. A brincar dizem-se muitas coisas sérias

De calças na mão...

Um esgar dominava aquele rosto em fogo - um esgar de dor: dentes cerrados, boca contorcida. olhos semicerrados; o suor transbordando o leito profundo das rugas. Tinha obviamente aguentado para além do razoável, quiçá por causa da demonstração de algum equipamento especial. Com os pés metidos para dentro, venceu em passinhos curtos e aflitos a distância que ainda o separava do objectivo. Provavelmente optara pelo elevador para descer, e a situação urinária agravara-se mais do que previsto com a demora. Depois esperava-o ainda a travessia do hall superior, que na altura regurgitava de gente.

Colocou-se em posição no urinol: as pernas abertas, a cabeça
baixa, as costas ligeiramente curvadas, como um condenado prestes a ser excecutado com um tiro
na nuca, e tentou abrir o fecho da
braguilha. Em vão. Estava preso.
Fez força. Mais força ainda. O sangue frio que lhe restava subiu-lhe
ao rosto e, como num sistema de
vasos comunicantes, a urina quente desceu mais.

- Gaita, daqui a um bocado mijome todo!, praguejou. Esta agora... Você desculpe, mas isto é uma emergência! Desapertou o cinto, baixou as calças a custo e in extremis aliviou-se do peso que o oprimia, enquanto o rosto recuperaya lentamente uma fisionomia de quem teria pouco mais de vinte anos.

Findo o ritual de eliminação dos produtos espúrios da filtragem renal, que justificara a minha presença no dito local público, apresseime a sair: não podia conter por mais tempo a gargalhada que se avolumava e ameaçava explodir a qualquer momento. Cumpridas as regras mínimas de higiene, dirigime para a porta.

- Desculpe, mas não pude deixar de reparar na etiqueta da organização que traz ao peito. Você pelos vistos é o JVH, não é?, era o meu inesperado «compagnon de toilette» que com as calças ainda em baixo e a fralda de fora continuava a tentar desencravar o fecho recalcitrante.

- Diga-me uma coisa, eu não digo que você não tem razão, não as ouvi ainda, mas não acha que as tais Sonus Faber Guarneri, ou lá o que é, são bonitas mas pequenas para os mil e tal contos que pedem por elas?

Quando me prestava de bom grado a responder a tão pertinente questão em tão impertinente local, entra um senhor dos seus sessenta anos, cabelos grisalhos, aspecto respeitável, e o que vê? Um jovem de costas para a porta com as calças em baixo, e outro mais velho que, de frente para ele, com ar de quem tem longa experiência no assunto, lhe dizia o seguinte:

Sabe, o tamanho não é tudo.
 Tamanho não é qualidade. Podem ser pequenas e fazer o que outras maiores não conseguem fazer...

De forma supreendentemente rápida, voltou para trás, como se tivesse de súbito compreendido que se enganara na porta. Quando saí, deixando o meu interlocutor ainda atarefado com o fecho das calças, estava cá fora à espera e olhou-me com desdém. Algum que não gosta das minhas críticas, pensei. Ao afastar-me, ouvi-o comentar em voz alta:

 Isto está cada vez pior! Só visto! Agora até na casa de banho de um hotel de luxo aparecem tarados destes...

Só mais tarde me ocorreu que talvez ele não estivesse a referirse aos «maluquinhos da hi-fi»...

Bom Ano Novo Audiófilo!

